

CARTA ABERTA À SOCIEDADE

SEMINÁRIO
DE CONJUNTURA
DO NORDESTE
2021



Educação popular e a resistência dos movimentos populares frente aos contextos do Nordeste e o enfrentamento à política neofacista

Nos dias 12 e 13 de maio 2021, foi realizado o Seminário de Análise de Conjuntura do Nordeste, tendo como objetivo construir reflexões e análise da conjuntura nos seus diversos contextos, impactos e enfrentamentos da pandemia e o olhar pedagógico das práticas contra o racismo, machismo, homofobia e as diversas formas de violências. Participaram aproximadamente 400 pessoas através da plataforma zoom e 869 pelo Canal do Youtube.

Assim, por meio desta CARTA tornamos pública nossa posição frente a política fascista e genocida do (des)governo Bolsonaro. Com base nas reflexões, leituras, análises e experiências dos Movimentos Sociais e Populares compartilhadas no evento, reafirmamos nossa luta e nossa articulação coletiva na região Nordeste em parceria com as demais regiões brasileiras e da América Latina com nossas forças e ações de existência e resistência neste período de pandemia em que aprofunda-se o descaso com a vida humana. Nos inspiramos em lutas ancestrais que tornaram-se nossas referências: Mari-gHELLa, Lélia Gonzalez; Elizabeth Teixeira e Paulo Freire. Assim como nas afirmações de Vilma Reis, Elisa Pankararu e Gilberto Carvalho que expressaram “preciso não ter amnésia de classe”, que “seremos combatidos, mas nunca vencidos” e assim seguirmos em frente porque “esperançar é a palavra deste tempo”.

O Brasil retorna ao mapa da fome com fortes impactos, resultante da atuação violenta e desumana de setores da direita, conservadores e fundamentalistas agravando a vidas das pessoas em relação ao aumento do desemprego, e sobrecargas para aqueles/as que seguem trabalhando. Ressaltamos que o trabalho remoto têm aumentado carga horária para as mulheres referente a dupla jornada. Por outro lado, alguns profissionais, a exemplo dos/as professores/as não possuem estruturas para realizar seu trabalho, utilizando seus próprios equipamentos para atividade laboral cotidiana. Essa situação complexa contribui também para prevalência do medo, e superá-lo é necessário para se contrapor ao atual modelo político e econômico que impera em todas as regiões do nosso país.

A necessidade de isolamento social frente a pandemia da COVID 19 nos desafia criação de metodologias de reaproximação mesmo nos mantendo distantes fisicamente. Embora a conjuntura não nos favoreça ela nos une numa luta contra a barbárie num contexto que retrata contradição, divisão e profusão do ódio que impulsionam recorrentes atitudes de mortes, violências territoriais contra as mulheres, negros/as, indígenas e população LGBTQIA+.

A Pedagogia de Paulo Freire e as resistências populares nos estimulam a conjugar e exercitar o verbo Esperançar para enfrentar a desesperança e denunciar que os problemas do país não são um processo natural e sim resultado da governança federal em

curso. É urgente repensar a política, aproximando desse diálogo os partidos de esquerda, os movimentos sociais e os governos populares, fortalecendo a luta contra o feminicídio, o racismo, a homofobia, a lesbofobia, a misoginia e a defesa dos povos originários como pautas que unificam os movimentos sociais e os governos impulsionando-os a priorizar a continuidade das políticas públicas que favorecem o exercício pleno da vivência da cidadania.

Reafirmamos que nos manteremos ao lado dos sujeitos perseguidos, reforçando estratégias de debate sobre as saídas dessa crise em diálogo com os movimentos sociais e não pelos governos de conciliação que parte da esquerda insiste em apostar. Queremos estabelecer relações mais horizontais e iniciativas de solidariedade, fortalecer as políticas públicas no campo da agricultura familiar e camponesa de base agroecológica, além da pesca artesanal. Nossa resistência, é também ocupar o legislativo, as escolas, as organizações sociais porque são nossos lugares, somos parte dessa nação e temos direitos de estar nestes espaços institucionais, mantendo e garantindo a autonomia dos movimentos e principalmente ocupando as ruas como estratégia de construção de agendas e bandeiras comuns, resignificando a prática política.

Reconhecemos a região Nordeste como um contraponto ao cenário nacional. Essa posição tem sido demonstrada em diversos contextos políticos e eleitorais que nos faz resistir e protagonizar lutas para mudanças no Brasil. Com isso, afirmamos que a educação popular como ferramenta para buscar novas formas de organização e cultivar modos de vida mais solidários. Necessitamos buscar meios de influenciar e democratizar as novas tecnologias, propondo a economia solidária e a agroecologia como alternativas de vida. Dessa forma, é urgente, fortalecer ações na área da capacitação, produção, comercialização em busca de autonomia, emancipação, do enfrentamento à violência doméstica e das desigualdades sociais.

É urgente pautarmos uma reforma do Estado para acabar com a impunidade, fazer mudanças no sistema de justiça – Ministério Público e Tribunal de Justiça - e discutirmos a política de encarceramento em curso que atinge mais de 800 mil jovens negros, assim como fortalecer espaços de ações coletivas na luta pela Reforma do Sistema Político.

Construir o ‘BEM VIVER’ se faz necessário com práticas que implicam em cuidados coletivos como perspectivas de modos de vida em sociedade, e a defesa dos biomas naturais. Implica, também, juntar o urbano e o rural num movimento “FORA GENOCIDA” para com urgência reconstruir a DEMOCRACIA.

Por isso nós Movimentos Sindicais, Sociais, Populares, na luta por terra, moradia, saúde, educação, Movimento Negro, de Mulheres, População LGBTQIA+, Juventude, indígenas, ONGs, militantes e educadoras e educadores populares da Região do Nordeste nos manteremos firmes na luta em defesa da vida, da ciência, da vacina para todos(as) e do SUS.

Sigamos na luta, **POR VACINA NO BRAÇO, COMIDA NO PRATO e FORA GENOCIDA.**

Nordeste, junho de 2021.

Parceiros:

